

Lisboa Film Festival retocado, mas com o mesmo espírito

CINEMA Já sem Sintra, o LEFFEST, de Paulo Branco, segue sereno e triunfal para mais uma edição totalmente em Lisboa e com o melhor cinema de Cannes, San Sebastián e Veneza. Destaque para a presença de Victor Erice, um dos mais raros cineastas mundiais. A 17ª edição começa sexta-feira e vai até dia 19.

TEXTO RUI PEDRO TENDINHA

Agora sim, lisboeta, 100% de Lisboa. O LEFFEST mantém a identidade e reforça a capital como vocação de grande destino europeu no que a festivais diz respeito, em especial após a consolidação internacional de festivais como o *IndieLisboa*, o *MOTEL* e o *DocLisboa*. Uma edição que faz uma síntese perfeita entre os melhores dos grandes festivais internacionais e esse contínuo diálogo entre outras artes, coisa que mais nenhum festival faz tão bem.

Dos trunfos da competição, talvez seja boa ideia começar pela proposta portuguesa com *Ubu*, de Paulo Abreu. Uma adaptação feliz da peça de Alfred Jarry, com Isabel Abreu e Miguel Loureiro em muito bom plano. Uma história sobre uma usurpação de poder numa Polónia bárbara e violenta e que é espelho de um estado de coisas atual no panorama mundial.

Obra que faz das suas limitações a sua força, é também a constatação de um cineasta com um estilo radicalmente livre. Livre sobretudo das

amarras do texto teatral e com uma graça recreativa capaz de um turbilhão de humor e escárnio danado.

Paulo Abreu já tinha mostrado esse espírito muito "rock'n'roll" em curtas-metragens e documentários mas agora parece tudo ainda mais depurado. Esta sua corte do rei Ubu é de uma jovialidade gótico-punk de respeito!

Mas o júri presidido pelo grande cineasta palestino Elia Suleiman tem pesos-pesados para avaliar, sobretudo quando se fala de *Fechar os Olhos*, de Victor Erice, o cineasta es-

panhol mais venerado pela cinefilia de velha guarda. Já agora, de lembrar que o espanhol vai estar com Pedro Costa dia 16 às 20.00 horas, no Cinema Nimas, para uma conversa a dois. É um sinal que o próprio festival dá à importância de ter entre nós alguém da estatura de Erice, cineasta que veio a público protestar pela sua não-inclusão na competição do último *Festival de Cannes*.

Por falar em nomes gigantes, Paulo Branco, o diretor do festival, fez questão de convocar ainda Radu Jude, com *Do Not Expect Too Much*

from the End of The World, Cristi Puiu, com *MMXX*, e o francês Cécile Kahn, com *Le Procès Goldman*. Este último trará ainda a Lisboa o francamente recomendável *Making-of*, comédia dramática sobre os bastidores de um filme do "real" da indústria francesa — passa em regime de antestreia.

Mas é seguramente Fora de Competição que estão os melhores filmes do LEFFEST, a começar por esse monumento que é a obra-prima de Yorgos Lanthimos, *Pobres Criaturas*, logo na abertura. Sim, o filme é ain-

O mundo perfeito de Clint Eastwood

HOMENAGEM São 25 filmes, incluindo *Play Misty for Me* (1971), primeira realização de Clint Eastwood: o LEFFEST celebra o trabalho multifacetado de um dos grandes símbolos da história de Hollywood.

TEXTO JOÃO LOPES

Em 1993, quando *Imperdável*, de Clint Eastwood, arrebatou quatro Óscares da Academia de Hollywood, incluindo Melhor Filme do ano e Melhor Realização, havia espectadores a mostrar uma genuína surpresa: afinal, Clint Eastwood também realiza filmes... Agora que o LEFFEST o homenageia, vale a pena voltar a lembrar que o seu protagonismo da trilogia de *westerns* de Sergio Leone (terminando com *O Bom, o Mau e o Vilão*, em 1966), e também a sua personagem do polícia Harry Callahan (começando com *Dirty Harry*/A Fúria da Razão, em 1971), estão longe de esgotar a pluralidade do seu universo — na verdade, antes de *Imperdável* chegar às salas de cinema, Eastwood dirigira nada mais

nada menos que 16 longas-metragens, tendo-se estreado nessa função em 1971, com um belo *thriller* intitolado *Play Misty for Me* (entre nós *Destinos nas Trevas*).

Hoje em dia um objeto politicamente incorreto, *Play Misty for Me* é um dos 25 títulos com que o LEFFEST celebra o ator/realizador que, além do mais, sinaliza de forma inequívoca a paixão *jazzística* que habita a sua obra: o *Misty* do título é a lendária composição do pianista Erroll Garner (1921-1977). Sem esquecer que vai ser possível ver ou rever esse insólito ensaio poético que é *Bronco Billy*: produzido em 1980, nele encontramos o primeiro gesto de reconfiguração e, em boa verdade, de composição da "imagem de marca" de Eastwood, assumindo a persona-

gem de um *cowboy* de um espetáculo itinerante dedicado ao "Wild West". Que é como quem diz: as ilusões de heroísmo dão lugar, na sociedade de consumo, a um desencantado esvaziamento da mitologia clássica.

Ao longo das décadas, tudo isto foi acontecendo com Eastwood a assumir-se também como produtor. Assim, logo após o sucesso da trilogia de Leone, fundou a Malpaso Productions, companhia que coordena todo o seu trabalho, quase sempre tendo a Warner Bros. como aliada na distribuição. Apesar de, no essencial, quase só servir para produzir os filmes interpretados e/ou por ele realizados, a Malpaso é reconhecida em Hollywood pelo seu rigor financeiro: Eastwood tem mesmo fama de ser capaz de terminar a rodagem dos filmes abaixo do orçamento e antes da data prevista.

Há muito que a sua evolução se distanciou do universo do *western*, explorando caminhos que o definem como um caso raro de versatilidade temática e criativa. Nesta perspetiva, Eastwood é um herdeiro direto de mestres do classicismo de Hollywood como Michael Curtiz ou Billy Wilder, oscilando serenamente entre as ambiências da música *country* em *A Última Canção* (1982) e a parábola social no prodigioso e tão pouco conhecido *Um Mundo Perfeito* (1993), passando, claro, pelo retrato de Charlie Parker em *Bird* (1988), filme que será apresentado por Branford Marsalis — entre os convidados anunciados para comentar vários momentos deste ciclo estão também Kyle Eastwood, filho do realizador, e o escritor John Carlin.

Tendo em conta que, por vezes, o tratamento mediático da sua obra se esgota numa banal imagem "landária", será importante acrescentar que



Ubu, de Paulo Abreu, cinema português a competir pelo prémio criado por Julião Sarmento. Mas Fora de Competição há ainda o multissílogo esperado *Diálogos Depois do Fim*, de Tiago Guedes, e *Dulcinea*, de Artur Serra Araújo.

Mas é seguramente Fora de Competição que estão os melhores filmes do LEFFEST, a começar por esse monumento que é a obra-prima de Yorgos Lanthimos, *Pobres Criaturas*, logo na abertura.

da superior a *Canino*, filme que foi mostrado nesse mesmo festival, aquando da sua aproximação ao Estoril. Faz todo o sentido esta fantasia libertina estar num festival cuja cidade é ponto de passagem da personagem de Emma Stone, criatura criada por um cientista louco. A tal Lisboa de papelão e de decoração surreal onde até cabe Carminho a cantar fado e Mark Ruffalo a dançar um contagiante vira.

Hamaguchi e Carax!

Outro dos momentos fortes desta edição é a convocatória ao oscarizado Ryūsuke Hamaguchi, que estará em Lisboa para mostrar o sucessor de *Drive my Car*, *Evil Does Not Exist*, subtil conto ecológico que mais não é do que uma sucessão de *drifts* às expectativas de um espectador que tem de se deixar ir natureza adentro.

Hamaguchi tem prevista uma *masterclass*, tal como outro convidado de vulto, o sempre relevante Leos Carax. No *Festival de Marraquex* do ano passado, o cineasta francês foi de uma vulnerabilidade tocante na sua *masterclass*.

Os incontornáveis

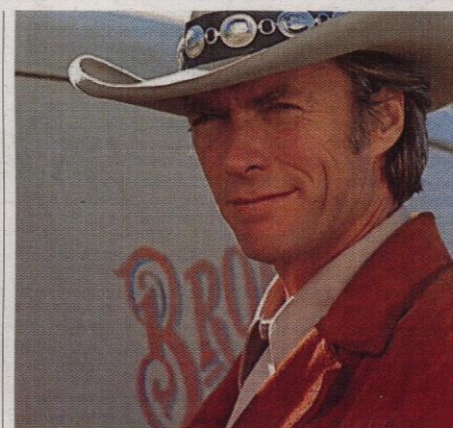
Imprescindível a quem quer ver o tal *Imprescindível* a quem quer ver o tal *Imprescindível* de outros festivais é a primeira exibição em Portugal da Pal-

ma de Ouro de Cannes, *Anatomie d'une Chute*, filme que serviu de aclamação internacional a Justine Triet, cineasta que em Portugal era ignorada por uma certa crítica supostamente bem pensante. Parábola sobre a verdade de cada um, é um drama de tribunal com um poder de asfixia chocante.

Igualmente obrigatório é o novo de Christian Petzold, *Céu em Chamas*, vencedor do Urso de Prata de Berlim, uma história de pedantismo intelectual no meio literário e com uma Paula Beer majestosa. De recordar que o cineasta alemão é um velho conhecido do festival e só não estará em Lisboa por já ter outros compromissos, tal qual contou ao DN numa entrevista durante o *Festival de San Sebastián*.

A seleção oficial Fora de Competição apresenta também um dos filmes que mais mediatismo teve na Mostra de Veneza, *Hir Man*, de Richard Linklater, comédia policial sobre um agente que se disfarça de assassino contratado para apanhar criminosos. Humor subversivo de um cineasta desalinado em Hollywood.

E, como o LEFFEST este ano mostra os vencedores de todos os grandes festivais (exceção feita a *Sobre L'Adamant*, vencedor de Berlim, que ficou com o carimbo da Festa do Cinema Francês), referência entusiasmada para a Concha de Ouro de San Sebastián, *O Corno do Centeio*, de Jaione Camborda, coproduzido por Rodrigo Areias, cineasta que também produz *Dulcinea*, de Artur Serra Araújo, com a espantosa Alba Baptista, a atriz portuguesa que está agora cada vez mais internacional. De Portugal há ainda espaço para uma sessão em antestreia de *Diálogos depois do Fim*, de Tiago Guedes, a partir de Cesare Pavese, filme que retine um elenco de galáticos: Isabel Abreu, Joana Ribeiro, João Estima, João Pedro Mamede, Miguel Borges, Adriano Luz, Rita Cabaço, entre tantos outros.



Clint Eastwood em *Bronco Billy* (1980): quando o *western* deixou de ser mitológico.

o questionar da identidade americana em diferentes momentos históricos é algo que, mesmo quando não é explicitado, circula por todo o seu trabalho — do brilho da redenção ao confronto com os fantasmas da própria história.

Entretanto, como está na moda sugerir que os grandes papéis femininos de Hollywood são um produto "ideológico" do movimento *#MeToo*, citemos o esplendoroso trabalho de algumas atrizes dirigidas por Eastwood em filmes presentes no LEFFEST: Jessica Walter (no já referido *Play Misty for Me*), Meryl Streep (*As Pontes de Madison County*, 1995), Laura Linney (*Mystic River*, 2003), Hilary Swank (*Million Dollar Baby*, 2004) ou Sienna Miller (*Sniper Americano*, 2014). Para evitar sexismos, convém também ver o genial Kevin Costner em *O Mundo Perfeito*.

Ver ou rever o cinema de Ceylan é, por isso, reencontrar uma intimidade indissociável da paisagem turca — o realizador marca presença em Lisboa nas últimas sessões da retrospectiva.



Paisagens íntimas para percorrer no LEFFEST

FESTIVAL Entre títulos da secção Descobertas e o cinema do turco Nuri Bilge Ceylan, os territórios da memória, do afeto e da natureza humana são alguns dos pontos fortes da programação.

TEXTO INÉS N. LOURENÇO

Uma avó chamada Cloclo e uma neta que calça os sapatos dela para percorrer os mesmos lugares que esse calçado terá percorrido. Eis o princípio afetivo de *Grandmother's Footsteps*, longa-metragem de estreia de Lola Peplow, atriz (sobretudo de teatro e televisão, com um pezinho no cinema) que, durante a gravidez do seu primeiro filho, se pôs a refletir sobre a dádiva desta figura que sempre a inspirou: uma avó com espírito livre, pintora de paisagens, que terá encontrado refúgio numa espécie de arte nómada, desligada da confusão do mundo moderno. Falecida quando Lola tinha 18 anos, Cloclo torna-se aqui uma memória viva, entre fotografias, vídeos caseiros, conversas da neta com quem a conheceu, e, de forma especial, através dos quadros nos quais a câmara "mergulha" escutando os sons da natureza ali representada.

Grandmother's Footsteps (dia 11, 22.15, Cine-Teatro Turim) surge como uma das propostas luminosas da secção Descobertas do LEFFEST, um documentário de delicadeza infinita em que o diálogo interior ganha substância visual. É o diálogo entre duas mulheres unidas, desde logo, pela velha pele curtidora dos sapatos que pisam o chão de Amorgos, Ilhas Cíclades, onde Cloclo terá passado as duas últimas décadas da sua vida. Mais do que uma simples homenagem ao mistério doce da figura recordada, o que este filme alcança é uma simbiose feminina — a certa altura, com uma "pincelada" de Bernardo Bertolucci, que participa no ato da recordação, enquanto genro de Cloclo e tio da realizadora.

Sem laços familiares, mas assente numa vertiginosa paixão cinéfila, *Celluloid Underground* (dia 15, 19.00, Cine-Teatro Turim) é outro dos títulos altamente recomendáveis das Descobertas. Um documentário assinado por Ehsan Khoshbakhht — realizador e programador iraniano que já colaborou com a Cinemateca Portuguesa num ciclo dedicado à cinematografia do seu

país de origem —, aqui em busca da paisagem de um outro tempo que definiu o seu amor pelo cinema.

Sendo um objeto autobiográfico, marcadamente pessoal, *Celluloid Underground* capta o reflexo da Revolução Iraniana (1979) no destino dado às películas de filmes, que então eram destruídas ou queimadas, e mostra como um único homem, Ahmad Jorghanian, se dedicou à missão de vida de resgatar filmes da ira dos fundamentalistas. É esse colecionador amigo de Ehsan Khoshbakhht, cuja notícia da morte surge no início do filme, que lança o realizador num percurso pela raiz da sua cinefilia, ao mesmo tempo que reflete sobre o lugar especial que Ahmad ocupa na sua formação e crença no celuloide. E o resultado é para lá de comovente: é um testemunho ímpar e sublime de como o cinema nos une e emancipa. Essa "frágil utopia", como a certa altura se diz.

Ambos os realizadores, Lola Peplow e Ehsan Khoshbakhht, estarão presentes nas respetivas sessões.

Da Turquia com amor

Se *Grandmother's Footsteps* e *Celluloid Underground* adquirem, cada um à sua maneira, a configuração de "paisagens íntimas", também se pode aplicar a ideia ao cinema de Nuri Bilge Ceylan, que será um dos destaques desta 17.ª edição do LEFFEST. Na retrospectiva integral da obra do consagrado cineasta turco, descobre-se Istanbul (Uzak — *Longinquo*, Os Três Macacos) e a Anatólia (*Era Uma Vez na Anatólia*, *Sono de Inverno*), entre outros cenários, como geografias que laboram a complexidade da natureza humana a partir dos seus próprios elementos, seja um pequeno hotel entre montanhas cobertas de neve ou uma árvore que vigia um casal secretamente apaixonado.

Ver ou rever o cinema de Ceylan é, por isso, reencontrar uma intimidade indissociável da paisagem turca — o realizador marca presença em Lisboa nas últimas sessões da retrospectiva.